

## **ENTRE A GEOGRAFIA FRANCESA E A ALEMÃ, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DE ANDRÉ CHOLLEY NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**

Kesia Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

A Geografia, no século XIX, tem seu despertar na Alemanha, como consequência dos debates inerentes ao Idealismo Alemão, mas essa ciência geográfica ecoa pela França de forma fecunda. É nesse contexto da constituição de uma geografia francesa que se destaca o papel de André Cholley (1886 – 1968), que recebeu de Emmanuel De Martonne, sucessor de La Blache, a missão de dar continuidade às suas pesquisas. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é demonstrar como o francês André Cholley contribui para a constituição conceitual e metodológica da Geografia enquanto é influenciado pela tradição francesa de Geografia, mas também pela tradição germânica desta ciência. A metodologia utilizada para alcançar tal objetivo foi a pesquisa e análise bibliográfica. E como resultado vê-se que Cholley traz importantes contribuições para organização dos conceitos dentro da Geografia, discutindo região e paisagem, e da própria geomorfologia, trazendo importantes debates sobre o clima e sua influência na formação dos relevos. A obra de Cholley, apesar de não ser extensa, perpassa várias áreas da Geografia e em todas contribui de forma direta com seus posicionamentos enfáticos, ou indireta com suas influências em pesquisas posteriores.

### **ABSTRACT**

Geography, in the 19th century, emerged in Germany as a consequence of the debates inherent in German Idealism, but this geographical science resonated fruitfully throughout France. It is in this context of the formation of French geography that the role of André Cholley (1886–1968) stands out, having been commissioned by Emmanuel De Martonne, La Blache's successor, to continue his research. Thus, the objective of this work is to demonstrate how the Frenchman André Cholley contributed to the conceptual and methodological formation of geography while being influenced by the French tradition of geography, but also by the Germanic tradition of this science. The methodology used to achieve this objective was bibliographic research and analysis. As a result, we see that Cholley made important contributions to the organization of concepts within geography, discussing region and landscape, and geomorphology itself, bringing important debates about climate and its influence on relief formation. Cholley's work, despite not being extensive, spans several areas of Geography and in all of them contributes directly with his emphatic positions, or indirectly with his influences on later research.

### **INTRODUÇÃO**

A Geografia, no século XIX, tem seu despertar na Alemanha, como consequência dos debates inerentes ao Idealismo Alemão, que influenciaram fortemente o movimento romântico alemão e por consequência a Naturphilosophie. Esse movimento teve influência nas discussões filosóficas, por consequência no trabalho de vários filósofos, bem como em diversas ciências, algumas em processo de institucionalização. Além disso, influenciou na literatura e na visão sobre a natureza.

Inebriado por todas essas discussões Alexander von Humboldt irá demonstrar que é possível interligar o empirismo com a noção de estética kantiana (Immanuel Kant), que fora

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Estadual de Goiás, [kesia.santos@ueg.br](mailto:kesia.santos@ueg.br)

interpretada por Johann Wolfgang von Goethe, e instrumentalizar essas teorias em suas viagens e estudos.

Humboldt, na construção de seu pensamento se vale tanto do que se compreende dentro dos limites de uma ciência que considera as causas mecânicas eficientes, como as contribuições advindas de outra via que concebe uma finalidade na natureza, uma visão organicista, contribuição das críticas de Kant (SILVEIRA, 2008). Tal raciocínio influenciou a ciência geográfica.

A Geografia tem seu berço na Alemanha, mas essa ciência geográfica ecoa pela França. Tal reverberação já se inicia com Humboldt, um dos precursores desta ciência, que passou vários anos em Paris e ali publicou trabalhos, inclusive em francês. Mas o papel da França na consolidação e disseminação da Geografia, enquanto ciência, foi muito além desse importante estudioso, como será apresentado nesta breve contribuição. É nesse contexto da constituição de uma geografia francesa que se destaca o papel de André Cholley (1886 – 1968), que recebeu de Emmanuel De Martonne, aluno e genro do geógrafo Paul Vidal de La Blache, a missão de dar continuidade nas suas pesquisas e ser o seu sucessor.

Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho é demonstrar como o francês André Cholley contribui para a constituição conceitual e metodológica da ciência geográfica enquanto é influenciado pela tradição francesa de Geografia, mas também pela tradição germânica desta ciência. Considerando que apesar da oposição que a primeira faz em relação a segunda, o possibilismo é um exemplo disso, há um intercâmbio constante entre os pesquisadores desses dois países. E é essa troca recíproca e seus contextos que irão influenciar de forma direta na construção da Geografia enquanto ciência e na história do pensamento geográfico, inclusive com consequências para a Geografia no Brasil.

## **METODOLOGIA**

Compreender os caminhos que uma ciência percorreu, sua trajetória, seus pressupostos teóricos e metodológicos e até mesmo suas bases filosóficas pressupõe a utilização de pesquisa bibliográfica como metodologia de investigação.

A pesquisa bibliográfica se apresenta como importante ferramenta que inclui a pesquisa propriamente dita, a análise dos textos, a comparação entre conceitos e argumentos, bem como a síntese dos resultados.

De acordo com Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa. Esse tipo de pesquisa,

segundo o autor, trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

Para este trabalho as bibliografias escolhidas são textos do próprio sujeito pesquisado, de autores que reconstroem sua trajetória e outros que se conectam ao tema da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A gênese da Geografia moderna se dá na Alemanha, como é de amplo conhecimento, tendo Alexander von Humboldt e Carl Ritter como seus precursores. Para este trabalho, a Geografia Alemã é importante para contextualização, uma vez que o foco é um geógrafo francês que apresenta conexões com a Geografia Alemã. O que nos interessa aqui é relatar brevemente esse contexto de nascimento para que possamos compreender algumas correlações entre o pensamento francês que chega ao Brasil no século XX e a geografia que se fazia na Alemanha.

Para essa contribuição, o foco será nas contribuições do francês André Cholley e essa escolha se dá devido a sua contribuição relevante para a formação de outro geógrafo francês, Jean Tricart. Este último, já foi tema de outros artigos que derivam da mesma pesquisa que este, e o qual já se sabe que teve papel relevante da estruturação da Geografia brasileira na segunda metade do século XX, influenciando grandes nomes, como Aziz Nacib Ab'Sáber e Milton Santos, dentre outros.

Para contextualização da Geografia Alemã, optou-se por falar sobre precursores da Geografia Moderna, e aqui apresenta-se, brevemente, os principais posicionamentos teóricos e/ou metodológicos de Humboldt e na sequência, de Ritter.

Silveira (2008) afirma que Humboldt busca o empírico, o que é evidenciado em suas expedições e suas análises de campo. Essa forma de observar a natureza, o coloca na direção das descrições, do acúmulo de informações detalhadas sobre os mais diferentes fenômenos. Entretanto, não lhe basta descrever, seu propósito está na ligação dos fenômenos.

Segundo o autor, Humboldt se mantém ao mesmo tempo no sólido chão da empiricidade, mas não deixa de considerar o fenômeno, porque embora Humboldt situe-se no empírico, não deixa de considerá-lo na perspectiva do olhar, do homem que a percebe, que a compreende em seus domínios cognitivos. Vê-se aqui a influência de Kant, essa herança kantiana, o fenômeno, é condição para a consolidação da experiência como campo válido para as ciências da natureza (SILVEIRA, 2008).

A Geografia nasce nesse contexto, de uma forte influência do pensamento kantiano na Alemanha em formação, das discussões de Goethe e numa conexão entre Goethe e Humboldt, leva esse conhecimento para suas viagens e observações de novas paisagens e culturas.

Vitte (2008) considera que para Humboldt a Natureza é uma conexão sem fim das coisas, “em que o conhecimento estético também permite o conhecimento do mundo. Nascia, assim, por intermédio de Humboldt, a “natureza-paisagem” produto de um livre jogo entre a imaginação e o entendimento, como preconizado na Terceira Crítica kantiana”.

Enquanto Humboldt não se preocupou em institucionalizar a Geografia, pelo contrário, se dedicava à questão metodológica, importante para o nascimento desta ciência, Carl Ritter por sua vez é o responsável pela inserção definitiva da Geografia no mundo acadêmico. Apesar do nome Geografia em uma disciplina universitária ser anterior a Ritter, é ele que assume uma cadeira de Geografia na Universidade de Berlim.

De forma geral, a obra de Ritter foi influenciada pela abordagem histórica, a partir da qual seria possível compreender as particularidades regionais do globo. Segundo Leitão (2017),

A busca por uma razão universal, que fosse capaz de descrever como os fenômenos acontecem na superfície da Terra, fez com que Ritter não se visse capaz de abrir mão da razão Iluminista, ainda que estivesse em busca das particularidades de cada região. Nesta busca da relação entre a parte e o todo, Ritter dialogou com os pensadores de seu tempo, sobretudo com Georg W. F. Hegel (1770 – 1831), que foi professor na Universidade de Berlim no mesmo período em que Ritter ali ocupava a cadeira de Geografia (LEITÃO, 2017, p.14).

Dessa forma, ele é responsável pela escrita da obra denominada *Erdkunde* (Geografia), que segundo Leitão (2017) posicionou a Geografia pela primeira vez como uma ciência moderna. Demonstrando que para Ritter, a Geografia quer compreender a superfície da Terra, sendo esse o seu grande objetivo. Ele pensava na contradição entre homem e natureza, nas diferenças entre as culturas e tinha a região como seu principal conceito.

Uma vez apresentado de forma sucinta o contexto de “nascimento” da Geografia na Alemanha, cabe aqui dizer que essa jovem ciência geográfica tem grande ressonância na França.

Conforme dito, o próprio Humboldt passa um período em Paris, como demonstra Mamigonian (2011),

A troca de influências intelectuais entre a França e a Alemanha sempre foi muito forte em todos os campos e também ocorreu na gênese da geografia moderna. Humboldt, após duas viagens de pesquisa à América espanhola (1799-1804), se instalou por vinte anos em Paris, onde manteve diálogo com cientistas como Gay-Lussac, Laplace, Lamarck, Cuvier, Arago, Jussieu e outros, que permitiu o uso das ciências

especializadas na criação de uma geografia regional, capaz de sintetizar inúmeros conhecimentos distintos num determinado território e de uma geografia sistemática (geral, no dizer de De Martonne), capaz de estabelecer inter-relações teóricas entre as especializações, como I. Kant havia proposto (MAMIGONIAN, 2011, p.163).

No entanto, esse intercâmbio apresenta também, uma aparente oposição, principalmente quando entra em cena o francês Vidal de La Blache. Conforme afirma Mamigonian (2011, p.163), “foi sob a liderança de La Blache que a geografia francesa começou a rivalizar e mais tarde nos anos 30, a ultrapassar a geografia alemã”. A questão de ultrapassar não será aqui discutida, uma vez que se entende que ambas correntes se desenvolveram ao seu modo e tiveram o seu papel na constituição da ciência geográfica, inclusive com trocas de conhecimento.

La Blache orientou a tese de Emmanuel de Martonne em 1902, e esse fato é relevante para esta análise, uma vez que De Martonne é responsável por dar seguimento em suas pesquisas. Ainda segundo Mamigonian (2011, p.164) “com o falecimento de Paul Vidal de La Blache, logo após a publicação do seu “La France de l’Est (Lorraine-Alsace)” editado em 1917 [...], a liderança da geografia francesa passou às mãos de seu discípulo De Martonne, que já vinha sendo preparado para a função”.

Cholley por sua vez recebe essa mesma função de De Martonne, pessoa que ele admirava, como fica claro em seu artigo publicado em 1956, após a morte de Emmanuel de Martonne:

A une intelligence tout à fait supérieure, vive, lucide et pénétrante, il devait son aptitude à déceler dans les choses comme dans les hommes, avec une rapidité surprenante, le trait essentiel qui lui permettait de les apprécier à leur juste mesure, et de préjuger à coup sûr les conséquences de ses décisions. A tel point qu'on peut se demander s'il n'a pas eu, dès le début de sa carrière, la claire vision du rôle qu'il pouvait remplir et de l'action qu'il avait à mener pour hausser la Géographie française au niveau d'une discipline autonome et plus Scientifique (CHOLLEY, 1956, p.2)<sup>2</sup>.

Apesar da obra de Cholley não ter tido tanto destaque quanto a de seus antecessores, conforme visto a seguir, ela é relevante e demonstra uma conexão com a geografia alemã.

Curiosamente não existem estudos e referências suficientes sobre A. Cholley, no sentido de decifrar sua importância na geografia francesa, onde começou a se destacar pelas mãos de Emm. De Martonne, orientador de sua magistral tese sobre Les Préalpes de Savoie (1925), depois portanto da série de geógrafos formados no início do século por P. Vidal de La Blache, que defenderam suas teses anos antes, como R. Blanchard,

---

<sup>2</sup> A uma inteligência completamente superior, viva, lúcida e penetrante, ele devia a capacidade de detectar nas coisas como nos homens, com surpreendente rapidez, o traço essencial que lhe permitia apreciá-las na sua verdadeira medida e prever com certeza as consequências das suas decisões. Tanto que poderíamos nos perguntar se ele não teve, desde o início de sua carreira, uma visão clara do papel que poderia desempenhar e das ações que deveria empreender para elevar a Geografia Francesa ao nível de uma disciplina autônoma e mais científica (tradução nossa)

Max Sorre, A. Demangeon, o próprio De Martonne e outros, tendo sido uma tese eminentemente regional, na tradição lablachiana. Diferentemente da maioria dos referidos geógrafos, A. Cholley deixou uma obra relativamente escassa de livros, mas de modo semelhante a Max. Sorre foi dos poucos que explicitou uma visão pessoal da geografia como ciência, fato raro entre os geógrafos franceses, mas comum entre os alemães (MAMIGONIAN, 2003, p.192).

O fato de Cholley ter sido orientado por De Martonne que teve um trabalho mais fecundo na Geomorfologia, não o fez se dedicar num primeiro momento a esse ramo da Geografia, seu trabalho de doutoramento foi prioritariamente voltado para a geografia regional. O que mostra uma continuidade do trabalho de La Blache, mas também conversa com a tradição Alemã, conforme demonstrado por Mamigonian (2003),

A tese de A. Cholley não só é majoritariamente de geografia humana, pelo número de páginas, mas pelo espírito, já que para ele o homem é o centro das preocupações da geografia que ele adota. Nela já aparecem dois componentes fundamentais do seu pensamento 1) o casamento de grande fertilidade entre geografia sistemática e geografia regional, na tradição de Kant, Ritter e Hettner, todos com ampla formação filosófica, como ele mesmo e 2) a ideia de que os fatos geográficos são combinações concretas, e como tais precisam ser estudados e decifrados (MAMIGONIAN, 2003, p.211).

Posteriormente, Cholley traz importantes contribuições para organização dos conceitos dentro da Geografia, discutindo região e paisagem, e da própria geomorfologia, trazendo importantes debates sobre o clima e sua influência na formação dos relevos.

Numa tentativa de superar um desencontro de conceitos acerca do termo região, em especial região natural, Cholley avança nessa conceituação. Conforme nos mostra Batista Neto (1984),

Embora “região natural”, como formulação teórica, tenha surgido para conciliar opiniões divergentes entre geógrafos em torno dos tipos de região, até os anos 60 perdurou uma verdadeira confusão o que concernia ao conceito propriamente dito. O desencontro se verificava porque ora “região” referia-se aos aspectos físicos, ora aos aspectos humanos. Foi então que, naquela década, o prof. Cholley construiu o conceito de região geográfica, a partir de dois critérios básicos: organização do espaço feito pelo homem e a dinamicidade da organização, quer quanto à escala, quer quanto às características. Predominava, assim, a visão antropocêntrica sobre a visão fisiográfica na formulação do conceito. Justificava Cholley que o homem era o regente do princípio implicador da região, que é a sua organização. Deve-se, em consequência, reservar essa expressão exclusivamente às organizações realizadas pelo homem na superfície do planeta. Surgia, então, um problema de ordem metodológica: o de integrar os aspectos humanos aos físicos, numa porção de espaço, quando, até Cholley, antagonizavam-se. Para superar tal questão, **o eminente geógrafo propôs o termo “domínio”, fechando, assim, sua contribuição à formulação do conceito.** As ideias da organização do espaço regional pelo homem dentro de certas condições físicas, da sujeição dos aspectos físicos aos humanos e da redução desses aspectos - físicos e humanos - à condição de domínio afastaram, definitivamente, naturalistas e historiadores da condição de dominantes na conceituação de região. Erigia-se a noção

de “região geográfica” e, dentro dessa perspectiva, emergia ao mesmo tempo, a visão da Geografia como ciência síntese (BATISTA NETO, 1984, p. 44-45, grifo da autora).

A “região geográfica” então é um termo cunhado por Cholley, que priorizava as questões humanas, bem como o termo “domínio” que integrava aspectos humanos aos físicos. Colocando ainda a geografia como uma ciência síntese, a diferenciando de outras ciências.

Mas não foi apenas o conceito de região que foi discutido por ele, a paisagem também permeou a sua obra. Para Cholley (1964),

A paisagem não é um fim, é somente um meio. Ela pode orientar o estudo de certas combinações. Mas, o que é essencial, é compreender a estrutura da combinação, sua evolução, seu rendimento, isto é, em última análise, o grupo humano e as formas de atividade que assinalam a sua presença. A paisagem em si mesma somente é compreensível quando se chega a traçar a gênese e a evolução das combinações rurais que nela deixaram seus traços, com mais ou menos vigor. Além do mais, como descrever e localizar, de algum modo, os elementos de uma paisagem sem revelar esta sua gênese? Não é possível descrever uma paisagem sem ter compreendido a estrutura, a gênese e a evolução das combinações, às quais ela deve seus elementos essenciais (CHOLLEY, 1964, p.271).

A defesa de Cholley em relação a paisagem é que ela seja mais do que uma descrição, necessitaria que uma análise de estrutura, gênese e evolução fosse preconizada. Ele segue nessa defesa para além da paisagem, fala da própria ciência geográfica.

Cholley (1964, p.272) afirma que “a Geografia não pode, pois, limitar-se a ser unicamente descritiva, ela é também genética. A Geografia é uma ciência jovem e como a maior parte das outras ciências da natureza começou por ser descritiva”. E insiste, ainda na mesma página, que “a Geografia pode, pois, elevar-se também na escala das ciências, mas sob a condição de não mais se prender a uma atitude exclusivamente descritiva”. A insistência nessa afirmação demonstra a sua convicção, que foi decisiva para influenciar gerações futuras de geógrafos.

Não é o objetivo deste artigo discutir a obra de Ab’Sáber, mas é impossível não remeter esses conceitos de domínio e de paisagem a contribuição que Aziz deixa para a geografia brasileira. E ao ler o trecho de Nascimento (2024), vê-se como os pressupostos de Cholley se materializam na obra de Ab’Sáber.

O ponto aqui é ratificar que Ab’Sáber colocou e trabalhou como poucos a visão integrada e multiescalar como chave para compreender a paisagem, lendo e vendo a paisagem atual e pretérita (estudos paleoambientais e paleogeográficos) em sua forma, função e dinâmica. Como ele dizia: era necessário ver o que a paisagem contém e como ela funciona. E como os problemas ambientais associados nesta interação com a sociedade (NASCIMENTO, 2024, p.103).

Nesse sentido, mesmo que não haja uma conexão direta entre Cholley e Ab'Sáber, sabe-se que Tricart é um elo entre os dois, uma vez que foi orientado pelo primeiro e orienta, mesmo que de forma informal, o segundo.

Ainda sobre as contribuições de Cholley a história da Geografia, vamos focar mais na Geografia Física e na Geomorfologia. Para ele, no campo

da Geografia Física nossa atenção deve transportar-se às regras que definem a ação dos diversos fatores intervenientes nas combinações: estrutura e tectônica, clima, fenômenos hidrológicos, sistema de erosão, etc. sobre as formas gerais das combinações, sobre sua extensão na superfície da terra e os meios daí decorrentes (CHOLLEY, 1964, p.276).

Para a Geomorfologia isso é importante, porque supera a visão da morfologia estrutural como predominante e acrescenta outros fatores na esculturação do relevo, em especial o clima. Elemento que é visto na obra de Jean Tricart, importante geógrafo de quem Cholley foi mestre, defensor da inserção do clima nas análises, especialmente nas regiões tropicais.

Assim, a geomorfologia climática será introduzida no Brasil, mais tarde, pelo próprio Jean Tricart. Conforme o próprio Tricart revela em seu livro *Ecodinâmica*, de 1977, o clima é elemento essencial para a análise da morfodinâmica (TRICART, 1977).

Além disso, as discussões a respeito da morfologia estrutural e da morfologia climática foram fundamentais para as análises geomorfológicas de meados do século XX em diante.

Cassetti (2005) demonstra essa influência ao dizer, se referindo as constantes discussões entre os defensores da morfologia estrutural e geomorfologia climática que o “fato de se ter atribuído maior importância a um dos elementos, estruturais ou climáticos, em detrimento do outro, deu motivo ao emprego de adjetivos como “geomorfologia estrutural” ou “geomorfologia climática”, fruto de tendências associadas a linhagens epistemológicas”.

O referido autor concorda com Cholley (1950), ao dizer que não há duas geomorfologias, mas apenas uma, e sua gênese está ligada à ação de fatores erosivos associados ao clima, que constitui um complexo de agentes denominado por Cholley de “sistema de erosão” que cada clima coloca em evidência.

Nesse sentido, a influência de Cholley alcança outros importantes geógrafos, como destaca Vitte (2011), nos anos de 1950, Francis Ruellan será importante para o desenvolvimento da chamada geomorfologia processual, demonstrando uma forte influência de André Cholley. O que corrobora para a importância do pensamento desse autor para a Geomorfologia, em especial para a brasileira.

Nessa conexão entre Cholley, Tricart e o próprio Ab'Sáber, este último exalta a influência de Jean Tricart em sua classificação dos Domínios Morfoclimáticos Brasileiros, por sua vez, Tricart foi influenciado por Cholley como já demonstrado neste artigo. Para ilustrar essa exaltação ressalta-se que Ab'Sáber referencia Tricart várias vezes em seu texto "*Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil*" de 1970, tanto citando trabalhos de Tricart relacionados diretamente a questão dos domínios morfoclimáticos, quanto nas referências retiradas desse mesmo texto. Conforme pode ser observado a seguir.

TRICART, Jean, "Division morphoclimatique du Brésil atlantique central", *Revue de Géomorphologie Dynamique*, IX an., n.º 1-2, janv./fevr. 1958. Strasbourg (Trad. in Boletim Paulista de Geografia).

--- *As zonas morfoclimáticas do Nordeste Brasileiro*, Publs. da Univ. da Bahia, 1959, Salvador.

--- "Les caracteristiques fondamentales des systemes morphogénétiques des pays tropicaux humides", *L'Information Géographique*, 25 an., n.º 4, págs.155,169. sept./oct. 1961, Paris (AB'SÁBER, 1970).

Apesar do livro "Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas" ter sido publicado apenas em 2003, esse artigo de Ab'Sáber, demonstra que essas discussões remetem a um período que antecede a década de 1970, período de proximidade com Jean Tricart e sua obra. Demonstra também que o conceito de domínio morfoclimático amplamente difundido no Brasil, tem influência direta da obra de Tricart, que como já discutido nesta breve contribuição, se relaciona diretamente ao conceito de domínio trabalhado por Cholley.

Por fim, e ainda sobre Cholley, Valter Casseti (2005), representante da Geomorfologia brasileira e também um geógrafo com tendências marxista revela mais esse lado da de Cholley e de Tricart, geógrafos que consideravam a dialética em suas análises. Mas esse é assunto para uma próxima discussão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como prometido no título, este texto apresenta apenas algumas considerações sobre o tema, a obra de Cholley, apesar de não ser extensa, perpassa várias áreas da Geografia e em todas contribui de forma efetiva. Essa temática ainda tem muito potencial para ser desenvolvida e a pesquisa segue em andamento.

A contribuição de Cholley para a Geografia se dá em diferentes aspectos, tanto na definição de alguns conceitos chave para a ciência, quanto na interlocução entre o pensamento

alemão e francês da Geografia. Ele não só dá continuidade a tradição de estudos regionais herdada de La Blache, como também influencia importantes geógrafos como Jean Tricart.

Ao encerrar essa contribuição duas coisas ficam bem claras, de um lado que a contribuição de Cholley para a Geografia é relevante, e por outro lado, a obra desse autor precisa ser melhor estudada, há aqui um campo fecundo de pesquisa.

**Palavras-chave:** Geografia Francesa, André Cholley, Geografia Brasileira.

## REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. **Geomorfologia**, n. 20, 1970, p. 45 a 48.
- BATISTA NETO, J. Conceito de Região. **Top. Educ.**, Recife, (UFPE) 2 (1 a 3): 41-52, 1984.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em <  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>> Acesso em: 03 de set.2020.
- CASSETI, Valter. **Geomorfologia**. [S.l.]: 2005. Disponível em:  
[https://docs.ufpr.br/~santos/Geomorfologia\\_Geologia/Geomorfologia\\_ValterCasseti.pdf](https://docs.ufpr.br/~santos/Geomorfologia_Geologia/Geomorfologia_ValterCasseti.pdf). Acesso em 20/02/2025.
- CHOLLEY, A. Morphologie structurale et morphologie climatique. **Anais de Geographie**, v. 59, p. 331-335, 1950.
- CHOLLEY, André (1956) Emmanuel de Martonne. **Annales de Géographie**, 65 (347) 1-14, 1956. Disponível em: [doi:10.3406/geo.1956.14339](https://doi.org/10.3406/geo.1956.14339). Acesso em: 29/01/2025.
- CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 2ª parte, **Boletim Geográfico**. Nº 180, p. 267-276, Rio de Janeiro, 1964.
- LEITÃO, J. O.. **O contexto histórico-filosófico da obra "Geografia comparada" de Carl Ritter**. 2017. 1 recurso online (105 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em:  
<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1631961>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- MAMIGONIAN, A. A Escola Francesa de Geografia e o Papel de A. Cholley. **Cadernos Geográficos (UFSC)**, Florianópolis - SC, n.6, 2003.
- MAMIGONIAN, A. A Geografia francesa nos meados do século XX e a Contribuição de Jean Tricart. In: **Da teoria à prática da geografia global: abordagem transdisciplinar proposta por Jean Tricart**. Silva, T. C. da (Org.). Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011. (Série Livros Geográficos; 3)
- NASCIMENTO, F. R. do. De A-Z: Aziz Nacib Ab'Sáber, o Saber e a Interdisciplinaridade. **Terra Livre**. São Paulo, Ano 39, v.1, n.62, jan-jun 2024.
- SILVEIRA, R. W. D. da. **As influências da filosofia kantiana e do movimento romântico na Gênese da Geografia Moderna: os conceitos de espaço, natureza e morfologia em Alexander von Humboldt**. 2008. 188 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências. Unicamp, Campinas.
- VITTE, A. C. . Influências da Filosofia Kantiana na Gênese Da Geografia Física. **Mercator (UFC)**, v. 7, p. 57-66, 2008.
- Vitte, A. C. (2012). A CONSTRUÇÃO DA GEOMORFOLOGIA NO BRASIL. **Revista Brasileira De Geomorfologia**, 12. <https://doi.org/10.20502/rbg.v12i0.262>
- TRICART, J. **Ecodinâmica**. IBGE, Rio de Janeiro, 1977.